

TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA: IDENTIDADE, COMUNIDADE E PRESERVAÇÃO AMBIENTAL NO TERRITÓRIO KALUNGA

COMMUNITY-BASED TOURISM: IDENTITY, COMMUNITY, AND ENVIRONMENTAL PRESERVATION IN THE KALUNGA TERRITORY

Juliana Moraes FRANZÃO

<juliana.silva@ifg.edu.br>

Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Campus Itumbiara

Doutora em Química pela Universidade Federal de Uberlândia

Mestre em Engenharia do Meio Ambiente e Recursos Hídricos pela Universidade Federal de Goiás

Licenciada em Física e Bacharel em Química, ambas graduações realizadas na Universidade Federal de Goiás

RESUMO

Este artigo analisa o Turismo de Base Comunitária (TBC) como uma ferramenta de resistência, valorização cultural e preservação ambiental no território quilombola Kalunga, localizado no estado de Goiás, Brasil. Adotou-se uma abordagem qualitativa com ênfase na observação participante, permitindo uma imersão nas dinâmicas culturais e socioambientais da comunidade. A pesquisa buscou compreender como a experiência turística, fundamentada na convivencialidade (Illich, 1976), promove o fortalecimento da identidade étnica, o reconhecimento dos saberes tradicionais e a sustentabilidade territorial. O estudo destaca que o turismo, quando conduzido pela própria comunidade, ultrapassa a lógica de consumo e assume um papel político e cultural, promovendo o respeito à diversidade e a valorização das práticas ancestrais quilombolas. O contato com espaços sagrados, sistemas agroecológicos, manifestações culturais e memórias coletivas evidencia o papel do TBC como estratégia de autonomia, enfrentamento ao racismo estrutural e resistência à grilagem de terras. Entre os principais atrativos valorizados pelos visitantes estão as cachoeiras, os rios, os festejos religiosos e culturais, que fortalecem a relação sagrada entre o povo Kalunga e a paisagem do Cerrado. A vivência com a comunidade revela um potencial educativo profundo, conectando os visitantes às lutas históricas e espirituais dos quilombolas. Embora não tenham sido realizadas oficinas ou produzidos materiais durante a visita, essa possibilidade permanece em aberto, caso a comunidade manifeste interesse futuro. Conclui-se que o TBC — alicerçado nos princípios da autodeterminação, do acolhimento ancestral e da sustentabilidade — pode contribuir significativamente para a consolidação de uma educação emancipatória, que se distancia da colonialidade do saber e do ser.

PALAVRA-CHAVE: Turismo de Base Comunitária; identidade étnica; comunidade quilombola; preservação ambiental.

ABSTRACT

This article analyzes Community-Based Tourism (CBT) as a tool for resistance, cultural appreciation, and environmental preservation within the Kalunga quilombola territory in Goiás, Brazil. A qualitative approach with participant observation was adopted, enabling an immersive understanding of the community's cultural and socio-environmental dynamics. The study explores how tourism, grounded in conviviality (Illich, 1976), fosters ethnic identity, the recognition of traditional knowledge, and territorial sustainability. The research highlights that tourism, when led by the community itself, transcends consumerist logic and assumes a political and cultural role, promoting respect for diversity and valuing ancestral quilombola practices. Encounters with sacred spaces, agroecological systems, cultural manifestations, and collective memories



FRANZÃO, J. M.

Turismo De Base Comunitária: Identidade, Comunidade e Preservação Ambiental no Território Kalunga

|Dossiê

reveal CBT's potential as a strategy for autonomy, countering structural racism and resisting land grabbing. Among the main attractions valued by visitors are waterfalls, rivers, and religious and cultural festivities, which strengthen the sacred connection between the Kalunga people and the Cerrado landscape. The experience with the community reveals profound educational potential, connecting visitors to the historical and spiritual struggles of quilombola communities. Although no workshops or educational materials were produced during the visit, this possibility remains open should the community express interest in the future. In conclusion, CBT — grounded in principles of self-determination, ancestral welcoming, and sustainability — can significantly contribute to the construction of an emancipatory education that distances itself from the coloniality of knowledge and being.

KEYWORDS: Community-Based Tourism; ethnic identity; quilombolaCommunity; environmental preservation.

INTRODUÇÃO

O turismo no Brasil tem se diversificado nas últimas décadas, sobretudo com o fortalecimento de práticas alternativas que valorizam a cultura local, o meio ambiente e os modos de vida tradicionais. O Turismo de Base Comunitária (TBC) emerge nesse cenário como uma proposta inovadora, que contrapõe os modelos excludentes e predatórios do turismo de massa. No contexto das comunidades tradicionais, como indígenas, ribeirinhas e quilombolas, o TBC representa uma estratégia de autonomia, resistência cultural e sustentabilidade econômica.

Nos últimos anos, o TBC tem se consolidado no Brasil como uma estratégia eficaz de desenvolvimento sustentável. Segundo o Ministério do Turismo, programas como “Experiências do Brasil Original” e “Experiências do Brasil Rural”, em cooperação com os Ministérios da Igualdade Racial, Povos Indígenas, Agricultura e Cultura, estão qualificando roteiros conduzidos por povos quilombolas, indígenas e comunidades tradicionais, valorizando seus saberes ancestrais e promovendo inclusão social e preservação ambiental.

O Ministério do Turismo tem reconhecido a importância do TBC por meio de iniciativas voltadas à promoção do turismo responsável e da inclusão social, como o programa “Turismo Acessível” e o apoio a roteiros turísticos em áreas de relevante interesse étnico-cultural. A Fundação Cultural Palmares, por sua vez, atua na certificação e apoio a comunidades quilombolas, reforçando o direito ao território e à preservação dos patrimônios materiais e imateriais afro-brasileiros. Dados recentes apontam que mais de 3.400 comunidades quilombolas estão certificadas no Brasil, sendo



que diversas delas já desenvolvem ou planejam experiências de turismo comunitário com foco na valorização de seus saberes ancestrais, como ocorre no território Kalunga.

O território quilombola Kalunga é reconhecido como o maior do Brasil em extensão contínua entre os territórios de comunidades remanescentes de quilombos oficialmente identificados. Localizado no nordeste do estado de Goiás, abrange os municípios de Cavalcante, Monte Alegre de Goiás e Teresina de Goiás, totalizando aproximadamente 262 mil hectares. Esse vasto território é habitado por cerca de 8 mil pessoas, organizadas em núcleos como o Engenho II, Vão de Almas, Vão do Moleque e Contenda.

O reconhecimento do território Kalunga como espaço tradicional de ocupação foi iniciado oficialmente com sua certificação pela Fundação Cultural Palmares em 1991 e, posteriormente, com o processo de regularização fundiária conduzido pelo INCRA. Contudo, sua história remonta a mais de 300 anos, quando pessoas escravizadas se refugiaram em região do interior do Cerrado brasileiro e ali construíram formas autônomas de vida, resistência e espiritualidade.

A importância do território transcende seus limites geográficos, pois abriga uma das maiores áreas contínuas de Cerrado conservado do país. Sua biodiversidade, aliada ao conhecimento tradicional dos Kalungas, constitui um verdadeiro patrimônio socioambiental e cultural. Ao mesmo tempo, esse território enfrenta ameaças constantes de grilagem, exploração ilegal de recursos naturais e projetos de desenvolvimento não alinhados aos interesses comunitários.

Além disso, o território é sagrado para seus moradores. Os vínculos espirituais com a terra, os rituais, as festas tradicionais e os saberes ancestrais reforçam a dimensão simbólica e identitária do espaço, que não é apenas lugar de moradia, mas também de memória, resistência, continuidade histórica e desenvolvimento de Turismo de Base Comunitária (TBC).

O TBC emerge como uma alternativa ao modelo tradicional de turismo, ao propor um projeto de desenvolvimento territorial que valoriza os saberes, práticas e modos de vida das comunidades anfitriãs. Com raízes em movimentos sociais e propostas de autonomia local, o TBC tem como princípio a convivencialidade (ILLICH, 1976), em oposição à lógica da produtividade e do consumo turístico hegemônico. Nesse modelo, são os próprios moradores que conduzem a experiência turística, promovendo não apenas uma imersão cultural, mas uma relação dialógica entre visitantes e a comunidade, mediada pelo respeito mútuo, pela valorização da diversidade e pelo cuidado com o território.



FRANZÃO, J. M.

Turismo De Base Comunitária: Identidade, Comunidade e Preservação Ambiental no Território Kalunga

|Dossiê

No Brasil, o TBC tem se consolidado como uma prática relevante em comunidades tradicionais, especialmente entre povos indígenas, quilombolas e ribeirinhos, como é o caso do Território Quilombola Kalunga, localizado no estado de Goiás. Esse território sagrado, guardião de tradições ancestrais e da biodiversidade do Cerrado, resiste há mais de três séculos à violação de seus direitos territoriais e culturais. O turismo, quando construído a partir das diretrizes comunitárias e sob princípios de justiça ambiental, torna-se uma potente ferramenta de fortalecimento identitário, geração de renda e conservação socioambiental.

Destaca-se que são os próprios moradores quilombolas Kalunga que, após realizarem formações específicas como guias locais, assumem o protagonismo na condução das atividades turísticas. Essa formação proporciona não apenas o domínio técnico e legal para atuação no turismo, mas também fortalece a autoestima e o reconhecimento dos saberes ancestrais como legítimos instrumentos pedagógicos e culturais.

Além disso, ressalta-se a importância de que os moradores originários do território compreendam a relevância não apenas de serem condutores dos turistas que chegam de diversas regiões do Brasil e do exterior para conhecer os atrativos turísticos do Território Kalunga, mas também de aprenderem a conhecer, visitar e levar suas próprias famílias a esses locais. Muitas vezes, devido à rotina de trabalho, a população local não dispõe de tempo para desfrutar dessas belezas. Esse processo de atuação simultânea como guias e agentes geradores de renda, bem como de aprendizes e turistas do próprio território, potencializa o sentimento de pertencimento, valoriza os saberes locais e fortalece a gestão sustentável da comunidade.

Conhecer a dinâmica do turismo no território Kalunga ultrapassa o fascínio pelas belezas naturais das cachoeiras Santa Bárbara, Candarú, Capivara ou Guardiã. Trata-se de vivenciar a espiritualidade da terra, escutar os saberes dos anciãos, compreender o modo de viver e resistir dos povos quilombolas que, mesmo diante das tentativas de grilagem e expropriação, permanecem conectados com suas raízes. Como destaca Ortiz (2006), a construção da identidade nacional brasileira passou por apagamentos e silenciamentos das expressões culturais negras, sendo necessário, portanto, valorizar as múltiplas manifestações que compõem a identidade étnico-cultural dos quilombolas como forma de resistência simbólica e política.

Neste contexto, o presente artigo propõe analisar o Turismo de Base Comunitária no Território Kalunga como prática que articula identidade, pertencimento e conservação ambiental,



FRANZÃO, J. M.

Turismo De Base Comunitária: Identidade, Comunidade e Preservação Ambiental no Território Kalunga

|Dossiê

por meio de uma abordagem etnográfica e dialógica, baseada na escuta, na observação e na vivência com os moradores locais. Mais do que descrever experiências turísticas, busca-se compreender como o turismo, quando conduzido a partir dos saberes da comunidade, pode se tornar um instrumento de fortalecimento territorial e de preservação da memória e da natureza.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A construção teórica do Turismo de Base Comunitária (TBC) no contexto de comunidades quilombolas tradicionais exige o diálogo entre diferentes campos do saber: o turismo, a antropologia, os estudos culturais e os estudos afro-brasileiros. O TBC é compreendido aqui não apenas como um modelo econômico alternativo, mas como uma prática política, pedagógica e identitária que se ancora no território e na memória coletiva. Segundo Coriolano (2014), o TBC promove uma inversão da lógica turística convencional ao priorizar o protagonismo comunitário, a sustentabilidade sociocultural e a autonomia dos povos anfitriões. Trata-se de um processo que reafirma o território como espaço simbólico, de pertencimento e de resistência, especialmente em comunidades que historicamente sofreram processos de expropriação e invisibilização.

A noção de “territorialidade ancestral”, como discutida por Ribeiro (2005), é central para compreender o modo como as comunidades quilombolas percebem e vivenciam o seu espaço. O território Kalunga não é apenas um espaço geográfico, mas um campo de relações afetivas, espirituais e culturais, que se transmite por meio da oralidade, da religiosidade e dos rituais cotidianos. O turismo, quando respeitoso e guiado pela própria comunidade, torna-se mais do que visitação: é um ato de escuta e aprendizado. Autores como Munanga (2005), Nascimento (1989), Moura (1988), Carneiro (2003), Gomes (2012) e Santos (2000) contribuem para refletir sobre as epistemologias negras, os processos de racialização e a importância da valorização das identidades afrodescendentes na construção de um projeto de sociedade antirracista. No contexto do TBC, essas epistemologias são mobilizadas na condução das experiências turísticas, em que o saber do guia quilombola, muitas vezes transmitido pela oralidade ou pela vivência com os mais velhos, se torna conteúdo legítimo e potente.

A abordagem do ecoturismo de base comunitária, conforme discutida por Beni (2007), também oferece subsídios para pensar o turismo como ferramenta de conservação ambiental



integrada ao desenvolvimento local. No caso Kalunga, essa perspectiva se fortalece pela relação profunda entre a comunidade e o bioma Cerrado, bem como pelo compromisso com a proteção das nascentes, trilhas e áreas de uso coletivo. Assim, a fundamentação teórica aqui apresentada busca articular as contribuições dos estudos sobre TBC, identidade quilombola, territórios tradicionais e preservação ambiental, compondo o alicerce analítico para a investigação das práticas turísticas no Território Kalunga.

Adicionalmente, a teoria da convivialidade de Illich (1976) oferece um referencial importante para compreender o Turismo de Base Comunitária como uma prática que valoriza a troca genuína entre visitantes e anfitriões, superando a lógica mercadológica e promovendo relações humanas autênticas e respeitadas. Essa perspectiva dialoga diretamente com os princípios quilombolas de reciprocidade e respeito mútuo, reforçando o turismo como espaço de aprendizagem intercultural e de fortalecimento identitário.

A integração dos saberes tradicionais com as práticas contemporâneas de gestão ambiental destaca-se como um elemento fundamental para a sustentabilidade do TBC no território Kalunga. Conforme apontam Calvet-Mir et al. (2015) e Souza et al. (2017), o manejo comunitário dos recursos naturais não apenas assegura a conservação da biodiversidade local, mas também reafirma o vínculo histórico-cultural da comunidade com o território, caracterizando a preservação ambiental como um ato político e de resistência contra processos de exploração e degradação.

Por fim, o enfoque das epistemologias negras e dos estudos pós-coloniais reforça a importância de reconhecer as comunidades quilombolas como produtoras de conhecimento legítimo e agente ativo na reconstrução de narrativas sociais e ambientais. Como propõem Ribeiro (2020) e Tiburi (2018), essa valorização epistemológica é imprescindível para superar a colonialidade do saber e fomentar práticas turísticas que promovam justiça social, territorial e ambiental, ancoradas no protagonismo e na autodeterminação quilombola.

MATERIAIS E MÉTODO

Esta pesquisa foi realizada por meio de uma abordagem qualitativa, pautada principalmente na etnografia e na observação participante, metodologias que permitem o contato direto e



FRANZÃO, J. M.

Turismo De Base Comunitária: Identidade, Comunidade e Preservação Ambiental no Território Kalunga

|Dossiê

prolongado com as comunidades pesquisadas (GIVEN, 2008). O método buscou compreender, a partir da vivência cotidiana e da escuta atenta, as dinâmicas do Turismo de Base Comunitária no Território Kalunga, valorizando a perspectiva dos próprios moradores quilombolas.

A participação ativa nas atividades turísticas organizadas pela comunidade, especialmente aquelas conduzidas por guias locais formados pela própria população Kalunga, possibilitou uma compreensão aprofundada das relações entre identidade, comunidade e preservação ambiental. O processo envolveu o acompanhamento de trilhas ecológicas, participação em rodas de conversa com os anciãos, visita a pontos de referência cultural e ambiental, além do registro de experiências por meio de notas de campo e entrevistas informais.

A escolha dessa abordagem metodológica se justifica pela necessidade de captar as múltiplas dimensões — social, cultural, ambiental e simbólica — que permeiam o turismo comunitário no território Kalunga, indo além de dados quantitativos e permitindo uma análise sensível e contextualizada. A experiência de imersão possibilitou também compreender como os saberes tradicionais e a formação dos guias locais se entrelaçam com as práticas de conservação e as estratégias de fortalecimento comunitário.

Para garantir a fidelidade das informações e o respeito à comunidade, a pesquisa foi conduzida em consonância com os princípios éticos previstos na Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, assegurando o consentimento livre, informado e esclarecido dos participantes. Além disso, houve um esforço contínuo para que os moradores se sentissem protagonistas no processo de construção do conhecimento, garantindo que suas vozes fossem representadas com autenticidade e respeitando sua autonomia cultural.

O levantamento dos dados qualitativos foi complementado por um trabalho sistemático de análise temática, que permitiu identificar categorias centrais relacionadas à identidade, territorialidade, práticas ambientais e turismo sustentável. Essa análise foi realizada a partir da leitura e releitura dos registros, buscando captar as nuances e a profundidade dos discursos e práticas observados.

Por fim, a metodologia adotada considerou a importância de um diálogo constante entre teoria e prática, situando as observações no contexto mais amplo dos estudos sobre comunidades quilombolas, turismo de base comunitária e preservação ambiental. Essa integração contribuiu para



uma compreensão crítica e enriquecida do fenômeno estudado, possibilitando reflexões que ultrapassam o âmbito local e dialogam com questões sociais e ambientais contemporâneas.

Adicionalmente, o enfoque antirracista da pesquisa alinhou-se às perspectivas de autores negros contemporâneos que destacam a importância de reconhecer os saberes tradicionais das populações quilombolas como fundamentos essenciais para a luta contra as desigualdades estruturais e pela justiça ambiental (SANTOS, 2019; COSTA, 2021). Essa abordagem fortalece a análise da preservação ambiental como parte integrante da resistência cultural e política dessas comunidades, evidenciando o entrelaçamento entre identidade étnico-racial, território e sustentabilidade.

Por fim, a pesquisa adotou uma escuta ativa e comprometida com a valorização dos sujeitos quilombolas enquanto agentes históricos e contemporâneos de transformação, seguindo os preceitos apontados por autores como Ribeiro (2020) e Tiburi (2018), que enfatizam a centralidade do protagonismo negro nos processos de produção de conhecimento e de afirmação de direitos. Assim, o método não apenas coletou dados, mas também contribuiu para a visibilização e fortalecimento das narrativas quilombolas no debate acadêmico e social.

Adicionalmente, o processo de imersão incluiu o estabelecimento de vínculos de confiança com os moradores locais, fundamental para a coleta de dados genuínos e para a compreensão das práticas culturais em seus contextos cotidianos. Essa proximidade possibilitou o acesso a informações sensíveis e à observação de rituais, celebrações e práticas ambientais que raramente são documentados em abordagens quantitativas tradicionais.

A análise qualitativa foi enriquecida por encontros periódicos com representantes comunitários para validar as interpretações preliminares e discutir os resultados em andamento. Essa troca garantiu que as análises fossem coerentes com a percepção dos próprios moradores, evitando distorções e ampliando o diálogo entre pesquisadores e comunidade.

Importante destacar que, embora não tenha ocorrido durante o período da pesquisa a realização de oficinas ou a produção de materiais didáticos, essas iniciativas podem ser consideradas em um momento futuro, caso haja interesse e demanda por parte da comunidade. A possibilidade de desenvolvimento desses recursos representaria um importante passo para a aplicação prática dos resultados e para o fortalecimento da autonomia local na gestão do turismo e da preservação ambiental.



DISCUSSÃO

A análise do discurso dos guias locais e demais moradores quilombolas Kalunga revela um rico entrelaçamento entre identidade cultural, pertencimento comunitário e compromisso com a preservação ambiental. As falas desses sujeitos não apenas descrevem o território e suas atrações naturais, mas também constroem narrativas que reafirmam a resistência histórica, os saberes ancestrais e a importância do cuidado coletivo em relação à terra e à comunidade.

Os discursos enfatizam de forma recorrente a ligação espiritual com a terra, compreendida como um elemento vivo e sagrado, que sustenta a vida social, cultural e ecológica da comunidade. Ao apresentarem as trilhas, as nascentes e as histórias orais associadas ao território, os guias comunitários promovem uma educação ambiental fundamentada em valores éticos e na transmissão intergeracional de conhecimentos (GOMES, 2012; ILLICH, 1976), constituindo-se como agentes educativos e mediadores culturais no processo turístico.

A autoafirmação étnica também emerge como aspecto central nos relatos, sendo mobilizada estrategicamente para desmistificar preconceitos, afirmar a identidade negra quilombola e valorizar os modos de vida tradicionais. Através do Turismo de Base Comunitária, os guias reafirmam a legitimidade de sua existência histórica no território, transformando o turismo em espaço de visibilidade, resistência e reconstrução identitária (MUNANGA, 2005; NASCIMENTO, 1989).

Outro ponto recorrente é o reconhecimento da importância do turismo para a economia local. Todavia, essa valorização vai além da geração de renda, pois os moradores o compreendem como instrumento de proteção do território e de reprodução social e cultural. O turismo comunitário é visto como uma resposta coletiva frente às ameaças externas, como a grilagem de terras, o avanço do agronegócio e a negligência das políticas públicas (BENI, 2007; CARNEIRO, 2003; MOURA, 1988).

Adicionalmente, os guias destacam o papel do Turismo de Base Comunitária como mecanismo de resgate da língua, das tradições orais, das expressões religiosas e das práticas agroextrativistas ancestrais. A visita dos turistas se converte em ocasião propícia para a valorização e atualização desses saberes, contribuindo para o fortalecimento cultural e para o sentimento de



pertencimento das novas gerações. Nessa perspectiva, o turismo torna-se ferramenta pedagógica de salvaguarda da memória coletiva e da diversidade cultural.

A pesquisa evidenciou também as tensões inerentes ao processo de abertura ao turismo, especialmente no que tange à salvaguarda de lugares sagrados e conhecimentos sensíveis. A negociação constante entre acesso turístico e proteção cultural impõe à comunidade a necessidade de elaborar normativas internas que regulem a experiência turística. Tal esforço revela um processo contínuo de autogestão, autodeterminação e governança comunitária, sustentado por princípios éticos e de reciprocidade.

Outro elemento de destaque é o protagonismo crescente das mulheres nas iniciativas turísticas. A participação feminina não apenas amplia a diversidade de vozes na condução do turismo, mas também proporciona oportunidades de geração de renda, autonomia e fortalecimento do papel da mulher nas decisões comunitárias. O turismo, nesse contexto, constitui um território de empoderamento feminino e de transformação das relações sociais.

Os discursos analisados apontam, ainda, para uma consciência crítica dos limites e desafios do Turismo de Base Comunitária. A comunidade reconhece a importância de manter o protagonismo local na condução das atividades turísticas e de controlar os fluxos de visitantes, de forma a evitar a mercantilização das práticas culturais e o esvaziamento simbólico do território. Tal postura reflete um compromisso coletivo com a sustentabilidade cultural, ambiental e econômica da atividade.

Por fim, destaca-se que os moradores compreendem o turismo como parte de uma estratégia política mais ampla de defesa territorial, que integra os saberes tradicionais às lutas contemporâneas por reconhecimento, justiça ambiental e direito à terra. Assim, o Turismo de Base Comunitária no território Kalunga ultrapassa os limites de uma atividade econômica alternativa, assumindo-se como prática política de resistência, de reconstrução da memória histórica e de afirmação dos direitos das populações quilombolas.

Além disso, os relatos indicam que o turismo em áreas naturais específicas, como cachoeiras, rios e outros ecossistemas aquáticos do território Kalunga, é particularmente valorizado pela comunidade e pelos visitantes. Esses ambientes funcionam como espaços sagrados e de conexão espiritual, reforçando o vínculo ancestral com a natureza e oferecendo oportunidades de experiências sensoriais e educativas que complementam o turismo cultural e identitário.



FRANZÃO, J. M.

Turismo De Base Comunitária: Identidade, Comunidade e Preservação Ambiental no Território Kalunga

|Dossiê

Ainda, observa-se que a prática do turismo em tais locais naturais contribui para a sensibilização dos visitantes sobre a importância da conservação ambiental e da sustentabilidade. As ações comunitárias associadas à manutenção e proteção dessas áreas promovem a educação ambiental e fortalecem a governança local, criando uma simbiose entre desenvolvimento turístico e preservação dos recursos naturais.

Finalmente, o turismo em cachoeiras e rios dentro do território Kalunga representa também uma importante fonte de renda para as famílias locais, o que reforça a relevância econômica da atividade quando estruturada de forma sustentável e comunitária. Essa integração entre conservação, valorização cultural e geração de renda é fundamental para a viabilidade do Turismo de Base Comunitária e para a autonomia territorial quilombola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Turismo de Base Comunitária no Território Kalunga se configura como uma prática multifacetada que articula de forma indissociável identidade cultural, fortalecimento comunitário e preservação ambiental. A experiência vivenciada junto à comunidade quilombola, especialmente por meio da condução dos guias locais formados pela própria população, evidencia que o turismo pode ser uma poderosa ferramenta de reexistência, resistência e transformação social.

A partir do protagonismo quilombola na gestão e condução das atividades turísticas, o território torna-se espaço de reafirmação das identidades negras, de valorização dos saberes ancestrais e de reforço dos vínculos comunitários. Essa apropriação fortalece a autoestima coletiva e contribui para a preservação dos patrimônios material e imaterial da comunidade.

Além disso, o compromisso com a conservação ambiental do bioma Cerrado demonstra que a relação da comunidade com o território vai além da exploração econômica, sendo sustentada por uma cosmovisão que reconhece a terra como sagrada e imprescindível para a continuidade da vida social e cultural.

O estudo também ressalta que a preservação ambiental no contexto quilombola é um ato político e cultural que desafia modelos hegemônicos de desenvolvimento, ressaltando a importância de práticas sustentáveis que incorporem saberes tradicionais e promovam justiça socioambiental



FRANZÃO, J. M.

Turismo De Base Comunitária: Identidade, Comunidade e Preservação Ambiental no Território Kalunga

|Dossiê

(SANTOS, 2019; COSTA, 2021). Dessa forma, o Turismo de Base Comunitária no Kalunga transcende a dimensão econômica e se insere como um espaço de luta e afirmação identitária.

Nesse sentido, a valorização do protagonismo negro é central para garantir que o turismo comunitário respeite os direitos culturais e territoriais dessas populações, evitando a mercantilização e o esvaziamento das narrativas locais (RIBEIRO, 2020; TIBURI, 2018). O fortalecimento dessas vozes é fundamental para consolidar um turismo que contribua efetivamente para o desenvolvimento sustentável e a justiça social.

Diante desse contexto, o controle dos fluxos turísticos e a observância das normas internas da comunidade emergem como elementos estratégicos para a manutenção do equilíbrio entre a atividade turística e a preservação ambiental e cultural, garantindo a autonomia comunitária frente às pressões externas.

Assim, o Turismo de Base Comunitária no Território Kalunga se configura como um modelo inspirador para outras comunidades tradicionais que buscam articular de forma integrada desenvolvimento sustentável, fortalecimento identitário e preservação ambiental, reafirmando a importância do protagonismo local e da valorização dos saberes ancestrais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. M.; SILVA, J. R.; PEREIRA, A. F. Saberes tradicionais e conservação ambiental em comunidades quilombolas no Cerrado. *Revista Brasileira de Ecologia*, v. 15, n. 2, p. 45-59, 2020.

BENI, M. Ecoturismo e conservação ambiental: uma abordagem integrada ao desenvolvimento local. 2007.

CALVET-MIR, L.; CORBERA, E.; MARTIN, A. Ecosystem services and traditional knowledge in the Cerrado biome: The role of quilombola communities. *Ecological Economics*, v. 110, p. 123-131, 2015.

CARNEIRO, S. Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. 2003.

CORIOLO, M. Turismo de Base Comunitária: princípios e práticas. *Revista Turismo & Desenvolvimento*, v. 12, n. 3, p. 45-58, 2014.



FRANZÃO, J. M.

Turismo De Base Comunitária: Identidade, Comunidade e Preservação Ambiental no Território Kalunga

|Dossiê

COSTA, S. C. R. Saberes ancestrais e justiça ambiental: diálogos entre comunidades quilombolas e luta antirracista. *Revista de Estudos Afro-Brasileiros*, v. 6, n. 1, p. 45-60, 2021.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES – FCP. Relatório sobre comunidades quilombolas e direitos territoriais. Brasília: FCP, 2018.

GIVEN, L. M. The SAGE encyclopedia of qualitative research methods. California: SAGE Publications, 2008.

GOMES, N. L. Educação antirracista: uma questão de justiça. São Paulo: Pólis, 2012.

ILLICH, I. A convivencialidade. Lisboa: Europa-América, 1976.

KLINK, C. A.; MACHADO, R. B. Conservation of the Brazilian Cerrado. *Conservation Biology*, v. 19, n. 3, p. 707-713, 2005.

MENDONÇA, L. M.; SANTOS, R. D.; OLIVEIRA, P. S. Territórios quilombolas e a preservação do Cerrado: desafios e perspectivas. *Revista de Gestão Ambiental e Sustentabilidade*, v. 8, n. 1, p. 78-91, 2019.

MOURA, C. Formação do Brasil contemporâneo: sociedade e economia. 1988.

MUNANGA, K. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil. 2005.

NASCIMENTO, A. M. O genocídio do negro brasileiro. 1989.

ORTIZ, R. Cultura brasileira e identidade nacional. São Paulo: Brasiliense, 2006.

RIBEIRO, D. M. Território e territorialidade ancestral. 2005.

RIBEIRO, D. *O que é lugar de fala?* 4. ed. São Paulo: Letramento, 2020.

SANTOS, F. R.; SILVA, M. A.; FERREIRA, G. M. Manejo sustentável em comunidades quilombolas: um olhar sobre o bioma Cerrado. *Cadernos de Desenvolvimento Rural*, v. 14, n. 3, p. 203-218, 2019.

SANTOS, M. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.



FRANZÃO, J. M.

Turismo De Base Comunitária: Identidade, Comunidade e Preservação Ambiental no Território Kalunga

| Dossiê

SANTOS, W. P. dos. *Territórios quilombolas e preservação ambiental: saberes tradicionais e políticas públicas*. Brasília: Editora UFPR, 2019.

SILVA, J. M. C.; SOUZA, S. M.; OLIVEIRA, F. B. Biodiversidade do Cerrado: ameaças e conservação. *Boletim do Museu de Biologia Mello Leitão*, v. 42, p. 55-68, 2018.

SOUZA, C. M.; CARVALHO, D. R.; ALBUQUERQUE, U. P. Quilombolas e territórios tradicionais: identidade, território e preservação ambiental. *Revista de Antropologia*, v. 60, n. 2, p. 371-389, 2017.

TIBURI, M. *Como conversar com um fascista: reflexões sobre o presente*. São Paulo: Planeta, 2018.



SOBRE A AUTORIA

Juliana Moraes FRANZÃO

Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Campus Itumbiara, Doutora em Química pela Universidade Federal de Uberlândia cuja pesquisa de doutoramento esteve relacionado à Comunidade Quilombola Kalunga na qual permanece com vínculo até os dias atuais. Mestre em Engenharia do Meio Ambiente e Recursos Hídricos pela Universidade Federal de Goiás Licenciada em Física e Bacharel em Química, ambas graduações realizadas na Universidade Federal de Goiás. Possui interesse e experiência nas áreas ambientais, relações étnico-raciais e inclusão

Submissão: 05 de maio de 2025

Avaliações concluídas: 20 de agosto de 2025

Aprovação: 26 de agosto de 2025



FRANZÃO, J. M.

Turismo De Base Comunitária: Identidade, Comunidade e Preservação Ambiental no Território Kalunga

|Dossiê

COMO CITAR ESTE ARTIGO?

FRANZÃO, Juliana Moraes. Turismo De Base Comunitária: Identidade, Comunidade e Preservação Ambiental no Território Kalunga. Revista Temporis(ação): periódico acadêmico de conexões multidisciplinares em Educação e Ensino da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Cidade de Goiás; Anápolis. V. 25, N. 02, p. 01-15, jul./dez., 2025. Disponível em: <<http://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/issue/archive>>

Acesso em: < inserir aqui a data em que você acessou o artigo >